Tradução literária e técnica em Timor,

línguas, mercado e produtores de bens culturais

João Paulo T. Esperança

Tradução literária e técnica em Timor, línguas, mercado e produtores de bens culturais

João Paulo T. Esperança

Comunicação apresentada no dia 16 de junho de 2016 na
II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SISTEMA MUNDIAL,
organizada pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa, no Centro de Convenções de Díli, em Timor-Leste

Título: Tradução literária e técnica em Timor, línguas, mercado e produtores de bens culturais

Local de publicação: Liquiçá, Timor-Leste

Publicado por: Edições Magar-Lelo

2.ª edição

Data de publicação: 2016

Tradução literária e técnica em Timor, línguas, mercado e produtores de bens culturais

Um país faz-se com homens e com livros, escreveu o famoso escritor brasileiro de livros infantis Monteiro Lobato (autor d"O Sítio do Pica-pau Amarelo"). A história de Timor-Leste está cheia de grandes homens (e mulheres), mas tem poucos livros. E poucos leitores.

Quando eu ensinava na UNTL, a universidade pública de Timor-Leste, pedia às vezes aos alunos das minhas turmas que escrevessem os títulos dos 5 livros que mais tinham gostado de ler na vida, em qualquer língua. A maior parte não conseguia escrever o nome de 5 livros, ou incluíam na lista dicionários, gramáticas, ou até algum artigo de 1 ou 2 páginas que tivéssemos estudado na aula. O problema não era comunicação, eu explicava em diferentes línguas o que queria, era a falta de uma cultura de leitura. Já passou uma década, penso que já houve progresso, mas continuam a ser poucas as famílias onde os hábitos de leitura são uma realidade. Neste contexto compreende-se que sejam poucos os autores timorenses. Onde não há leitores não costumam desabrochar escritores.

Em países com uma literatura pouco desenvolvida, a literatura traduzida ocupa muitas vezes uma posição central no polissistema cultural e fornece modelos que serão imitados pelos futuros autores locais. Em Timor por enquanto também se traduzem poucas obras literárias. Há um esforço meritório por parte de algumas entidades, como a ONG Timor Aid, a empresa local Abut, o projeto *Abilidade Téknika Pré-Eskolár*, ou o próprio Ministério da Educação, entre outras, para publicar quer traduções, quer alguns originais, a maior parte em tétum, mas são uma gota de água no oceano e os seus títulos são na maioria dirigidos aos primeiros anos da escola primária.

Ora, onde não há leitores é preciso formá-los. O diagnóstico é preocupante, mas por isso é urgente intervir. Timor-Leste precisa de uma iniciativa de alcance nacional, semelhante ao Plano Nacional de Leitura que fizeram em Portugal. Parece-me que três vetores seriam essenciais:

- abertura de bibliotecas municipais, sob responsabilidade do Estado (sem prejuízo de poder haver outras, de ONGs, etc.);

- disponibilização nas mesmas, e nas escolas, de livros em português (há dias coloquei no Facebook um vídeo, já com alguns anos, de uma

reportagem da RTTL em que, na inauguração de uma nova biblioteca apoiada pela cooperação australiana, aparecia uma menina a dizer que a biblioteca tinha muitos livros em indonésio, mas as crianças da nova geração já não sabem esta língua)

- tradução e publicação em tétum, por instituições estatais ou por editoras ou ONGs timorenses, de uma lista de títulos do cânone da literatura infanto-juvenil universal (mas incluindo muitos oriundos de países lusófonos), para estarem disponíveis nas bibliotecas municipais e nas escolas, mas também para venda ao público.

Também é importante que haja investimento nas bibliotecas escolares, mas percebe-se que, havendo escolas sem quarto de banho, existam, por enquanto, outras prioridades. Os profissionais para trabalhar nas bibliotecas municipais deveriam receber formação em biblioteconomia, com uma componente de animação cultural, para poderem dinamizar atividades para a participação da comunidade.

Seria muito positivo se o sistema de ensino incluísse uma obra, pelo menos, de leitura obrigatória em tétum e outra em português, em cada ano desde o 5º ao 12º. Isso ajudaria a formar leitores infantis e juvenis, e ao mesmo tempo desenvolveria hábitos de leitura entre os professores que lecionariam essas disciplinas.

A UNESCO publica na Internet o Index Translationum, que é uma lista tão completa quanto possível das traduções feitas pelo mundo inteiro para todas as línguas existentes sobre as quais eles têm dados. As traduções para tétum incluídas no Index Translationum da UNESCO são 3:

Your query was: **Target language = tet**

3 records found in Index Translationum database

1/3

Saint-Exupéry, Antoine de: **Liurai-Oan Ki'ik** [Tetum] (ISBN: 978-989-20-1910-9) / Esperança, João Paulo; Oliveira, Triana Corte-Real de; Araújo, Emília Almeida de / Dili: SUL - Associação de Cooperaçao para o Desenvolvimento, Dili: Timor Aid [Timor-Leste], 2010. 93 p. 1. ed. Le Petit Prince [French]

2/3
Werner, David: **Saida mak ita halo se la iha doutór** [Tetum] / Quintão, Valente; Silva, Domingos da / Dili: Timor Aid [Timor-Leste], 2005. 533 p. 1. ed. Where there is no doctor [English]

3/3
Li, Cunxin: **Liurai-Oan To'os-Na'in Nian** [Tetum] (ISBN: 978-989-20-1982-6) / Soares, Bernabé Barreto / Dili: Fundasaun Alola [Timor-Leste], 2010. 40 p. 1. ed. The peasant prince [English]

Fui eu que lhes dei os dados, já há uns bons anos. Só estavam interessados em traduções para tétum publicadas cá, porque sendo publicadas noutros países havia mecanismos próprios para que os dados lá chegassem. Os mecanismos devem ter falhado porque continuam a só estar lá os 3. De qualquer modo, a lista não seria muito extensa.

Parece haver uma escassez geral de títulos da lusofonia nos poucos que são traduzidos para tétum. Creio que as traduções são maioritariamente de autores anglo-saxónicos. A Timor Aid inclui no seu catálogo pelo menos um escritor francófono – Antoine de Saint-Exupéry. O "*Liurai-Oan Ki'ik*" é a versão em tétum de um dos livros mais traduzidos do mundo, o "*Le Petit Prince*" (trazido por mim em colaboração com Triana Corte-Real de Oliveira e Emília Almeida de Araújo). Às vezes, as dificuldades têm a ver com os direitos de autor, outras vezes têm como causa a falta de tradutores de português interessados. "*Le Petit Prince*" agora já está no domínio público – menos na França – mas quando o traduzimos não estava ainda, pelo que tivemos de negociar um preço para os direitos de autor que não inviabilizasse o projeto. Há escritores que oferecem as suas obras para tradução em Timor sem exigirem pagamento pelos direitos de autor, conscientes das dificuldades existentes no setor editorial por cá, mas negociar com editoras portuguesas ou de outros países lusófonos pode ser mais difícil.

Os tradutores, como os escritores, são produtores de bens culturais. Em muitos países, principalmente em lugares em que é vista como importante a entrada de uma determinada língua em domínios prestigiados que não frequentava antes, desenvolve-se uma cultura de ativismo em torno da língua e

da publicação de obras que a usem. Cá existem as condições para que isso aconteça. Mobilizemos mais pessoas; como cantava o José Afonso, "traz um amigo também".

Timor-Leste é um país com duas línguas oficiais. Deveríamos por isso ver muito mais presença do bilinguismo do Estado, devia ser dada atenção à formação de tradutores e intérpretes de forma séria. A ausência desta formação ajuda a perpetuar a situação atual, em que muita gente está no mercado a fazer interpretação ou tradução sem estar preparado. Faço coleção de fotos de erros de redação ou de tradução publicados. Um dos meus favoritos, e que serve para ilustrar este ponto, era o póster espalhado pelas Nações Unidas que dizia:

"*Keep out of off limits locations*"

Em português pode ser traduzido como "mantenha-se longe dos lugares proibidos", e estes lugares eram os prostíbulos, porque há uma regra da ONU que proíbe a entrada dos seus funcionários nestes locais. Para isso eles distribuíam a todos à chegada um mapa com os bordéis da cidade, de forma a que soubessem onde é que não deveriam ir. A tradução em tétum dizia algo como "Atire para longe coisas que não são boas na área". Erros destes são comuns. Muitos dos clientes que pagam traduções não têm conhecimentos para avaliar a qualidade do produto que compram.

Ainda dentro das atividades económicas ligadas à escrita, saltemos para a comunicação social. A forma como se escreve na imprensa também é preocupante. Há países onde os jornalistas estão na linha da frente da militância do bem escrever. Alguns são profissionais das letras polivalentes, com um pé no jornalismo e outro na literatura. Aqui muitos jornalistas são mal pagos, o que torna difícil reter profissionais competentes. A atividade do Conselho de Imprensa, empossado recentemente, traz alguma esperança de que seja dada mais atenção a estas questões. O público pode ter um papel importante. Se os clientes manifestarem a sua indignação, nomeadamente através das redes sociais, isso pode ajudar a que os donos de jornais se sintam envergonhados por não instituírem mecanismos de revisão de texto e de formação adequada para o seu pessoal.

A maior parte do que se escreve na comunicação social timorense é em

tétum. Quando digo que o tétum é a língua de comunicação do quotidiano, mas o português é a língua de alta cultura, há pessoas que se zangam comigo. O tétum não tem nenhuma deficiência inerente que o impeça de ser língua de alta cultura, as razões são de natureza demográfica, económica e sociocultural. Há quem goste de olhar para a situação do ex-ocupante e depois perguntar porque não fazemos com o tétum o que os indonésios fizeram com o malaio? Bem, para começar o indonésio tem mais de 200 milhões de falantes, é muito mais natural que entre eles surja um número razoável de produtores de bens culturais, como livros (originais ou traduções). Para além disso têm uma tradição de edição com mais pergaminhos, não apenas institucional (a Balai Pustaka já editava no tempo colonial holandês), mas também do setor privado: há um século já lá havia uma importante indústria editorial comercial de romances baratos para o público em malaio. Timor é um país pequeno, e os editores, escritores e tradutores escasseiam. As deficiências na qualidade do ensino também têm reflexo no relacionamento das pessoas com as letras. Há outros países (ou entidades políticas regionais) de pequena dimensão onde os livros e a leitura têm uma importância incomensuravelmente maior do que cá, ou por terem elites culturais altamente engajadas, ou um público educado, ou graças ao investimento das instituições públicas. As lideranças nacionalistas da Catalunha e do País Basco, regiões autónomas da Espanha, definiram um projeto político e identitário que passa pelo reforço ou reintrodução de uma língua que as circunstâncias históricas deixaram numa posição subalterna ou desincentivada, e para isso fizeram um grande investimento, quer na edição de originais, quer na tradução para estas línguas de muitas das obras mais relevantes da literatura universal. No caso da Catalunha têm ainda uma tradição belíssima, que devíamos incentivar aqui: no Dia de São Jorge, a 23 de abril, que é também a data escolhida para Dia Mundial do Livro, os casais de namorados oferecem livros um ao outro. Na Islândia há no Natal o que eles chamam a "inundação de livros", a indústria editorial lança nesta época muitos títulos devido ao costume de dar livros como presente. A Islândia é um exemplo de um público para quem a leitura é extremamente importante, entre os seus cerca de 330.000 habitantes, 1 em cada 10 escreverá pelo menos um livro durante a sua vida e 93% leem, no

mínimo, um livro por ano. Nós cá não temos uma grande população onde, como na Indonésia, surjam quantidades significativas de escritores, mesmo que uma percentagem grande do povo viva alheada disso; não temos também o público exigente e conhecedor que há em países como a Islândia. Se houver dúvidas em relação à necessidade de os timorenses saberem ler numa língua de comunicação mais ampla (que aqui é o português), basta contar os títulos publicados em tétum em 14 anos, desde a independência, e verificar também a faixa etária a que se destinam.

Em relação à produção literária, mesmo em português, vemos, aliás, que a maioria das obras foi publicada em Portugal e que parte da ficção timorense ou poesia até agora publicada é “edição de solidariedade”, ou seja, obras que as editoras comerciais não publicariam por considerarem que não teriam público, mas que são pagas por entidades patrocinadoras que querem ajudar. O escritor timorense que mais se afasta deste modelo é Luís Cardoso, que está inclusivamente traduzido e publicado em várias outras línguas, e que terá naturalmente um lugar de destaque no cânone da literatura timorense. Mas ele publica em Portugal e cá em Timor é muito difícil encontrar os seus livros à venda. Temos poucas livrarias e nestas há normalmente só um ou dois títulos dele - quando há algum. Portanto, o seu mercado é essencialmente no estrangeiro. Como mudar? Não há leitores compradores suficientes que justifiquem um grande investimento de promoção aqui por parte de uma editora portuguesa, com sessões de autógrafos em feiras do livro e um périplo do autor pelo país para visitas às escolas secundárias para falar com os estudantes e professores (recordemos que os alunos de Ciências Sociais e Humanas do ensino secundário têm uma disciplina de Temas de Literatura e Cultura). Tal só pode acontecer se for assumido por uma instituição como o Ministério da Educação timorense ou as estruturas da cooperação no âmbito da CPLP ou de um dos seus Estados.

Aqui fora ontem havia livros em português à venda. Não é um bom sinal da vitalidade do mercado editorial timorense que só houvesse, quando lá fui, livros publicados em Portugal. Não é culpa da livraria, o problema é que se os livros em tétum escasseiam, as obras literárias publicadas em português em

Timor são quase inexistentes.

A cultura tem, de resto, pouca cobertura nos meios de comunicação social generalistas e não há imprensa especializada. O único escritor timorense de projeção internacional, de que falava há pouco, nunca foi entrevistado pela televisão de Timor-Leste, embora já tenha sido entrevistado por televisões no estrangeiro. O discurso sobre a cultura é de resto bastante restritivo, frequentemente limitado a *lia mate* e *lia moris*, danças tradicionais e pouco mais.

Velocidade de leitura

No séc. IV, Santo Agostinho descrevia com admiração o modo como Santo Ambrósio lia sem mexer os lábios. Parece que só no séc. X se tornou habitual no Ocidente a leitura silenciosa. Aqui, a grande maioria dos alunos que tive não conseguia fazer leitura silenciosa. A leitura a murmurar em voz baixa não é eficiente para ler grandes volumes, é demasiado lenta. As grafias em tétum também não são estáveis, pelo que pode haver meia dúzia de grafias alternativas de uma palavra como o marcador relativo “*ne’ebé*” ("*neebe*", "*nebee*", "*nebe*", "*nebé*", "*ne'be*", "*nebe'e*",…), às vezes no mesmo texto. Isto também dificulta a leitura.

Quando lecionava na Universidade costumava mostrar filmes todas as semanas e os meus alunos jovens na UNTL, há uma década, tinham quase todos muita dificuldade para conseguir ler as legendas dos filmes antes de desaparecerem, fossem em português ou em indonésio (nessa época a maioria tinha feito o percurso escolar até à universidade em indonésio). A velocidade de leitura treina-se e as legendas dos filmes são ótimas para isso, mas falarei disso já mais adiante.

Creio que é importante criar leitores logo nos primeiros anos da escolaridade e, no caso de Timor, a maior parte das crianças nessa faixa etária ainda não tem uma fluência em português suficiente para lhe permitir ler livros nesta língua. Portanto temos de começar pelo tétum. Mas não devemos perder de vida o objetivo de que comecem o mais brevemente possível a ler em português. Temos que traduzir muito para tétum e publicar, mas por muito que

o façamos estaremos sempre muito aquém das necessidades. Queremos que as crianças timorenses tenham acesso ao conhecimento e à literatura do mundo, mas se a única língua que dominam é o tétum (ao lado, ou não, de outras línguas regionais) ficarão rodeados de muros sem janelas, limitados aos poucos livros existentes. É importante saber ler numa língua em que há livros.

Importância dos meios audiovisuais e legendagem

A RTTL, quando não está a difundir programação própria, retransmite na sua frequência a RTP Internacional. Porém, os canais indonésios disponíveis através de antenas parabólicas, que são fáceis de obter, têm programação mais atrativa do que a RTP Internacional, cujos programas frequentemente têm como destinatários as comunidades de emigrantes portugueses espalhadas pelo mundo, e são pouco interessantes para o nosso público. Seria excelente termos cá a RTP África também, retransmitida como um segundo canal. Parece-me que seria mais atrativa para o público e ajudaria a estreitar os laços com os países irmãos dos PALOP. Neste momento a hegemonia dos canais indonésios é tal que até o debate político e nos jornais aqui é influenciado pelas questões do momento na televisão indonésia.

E isto leva-nos a outra área que queria abordar, a da legendagem de filmes e outros conteúdos audiovisuais. É importante usar o seu potencial. É muito mais barata do que a dobragem, e tem vantagens para o que nos interessa aqui. Cá tivemos uma experiência de sucesso, a série timorense "*Suku Hali*", falada em tétum e transmitida na RTTL com legendas em português. Precisamos muito de telenovelas, séries e filmes falados em português e legendados em tétum. Estaremos em simultâneo a expor as pessoas diariamente à língua portuguesa e a ensiná-las a escrever tétum correto.

O canal indonésio "fmn" está a transmitir a telenovela brasileira "Amor à vida" com os diálogos originais em português e com legendas, contrariamente à prática mais habitual dos indonésios que é fazer a dobragem. Isto é ótimo para a difusão da língua portuguesa. Mas se eles o fazem, porque não o fazemos nós? Os timorenses têm mais interesse na língua portuguesa do que eles…

Outra coisa positiva é o telejornal bilingue na TVTL. Ainda que algumas

das notícias sejam feitas a partir da versão em tétum, com voz-off em português, há muitas que incluem declarações em português dos diversos líderes políticos timorenses, cuja paciência devemos louvar, já que respondem, em sequência, às mesmas perguntas em tétum e em português. Mostra ao público que o português é de facto falado por muitos timorenses.

Os canais internacionais de televisão pública, como a RTP internacional e a RTP África, ou outros, deviam ter a sua programação falada em português legendada em português também. Isto resolveria as dificuldades dos brasileiros que não compreendem as variedades do português europeu, mas também as dos falantes timorenses de português que não entendem certas variedades regionais brasileiras, e ainda facilitaria imenso a vida aos estrangeiros que estão a aprender português pelo mundo inteiro. Aliás, seria muito útil que fosse aprovada legislação em todos os nossos países a exigir que todos os DVDs com filmes, documentários, etc., neles comercializados, mesmo que falados em língua portuguesa, incluíssem obrigatoriamente a opção de legendas para surdos em português, independentemente das legendas em outras línguas que pudessem ter. Para além de promover a inclusividade dos cidadãos surdos, seria ótimo para quem não domina bem a língua, ou a variedade da língua, falada nesse DVD.

Na Internet, além dos sites de *streaming* pagos, há bibliotecas digitais como o Internet Archive (https://archive.org/details/movies) que disponibilizam gratuitamente, e de forma legal, filmes que já estão em domínio público. Os países da CPLP podiam fazer algo de semelhante, um portal de cinema da lusofonia que congregasse filmes que já estejam em domínio público ou que os Estados ofereçam para aí disponibilizar, eventualmente comprando os direitos junto dos seus detentores. Os filmes falados em português, ou em línguas regionais dos nossos países, podiam incluir a opção de legendas no máximo de línguas em que as mesmas existam. Há *sites* que disponibilizam legendas para filmes de todo o mundo em diversas línguas, muitas vezes feitas por amadores empenhados; este portal de cinema podia também reunir uma coleção de legendas em português para filmes do mundo inteiro, depois de verificada a sua qualidade. Numa época em que tanta gente vê conteúdos

audiovisuais em ficheiros da Internet, isso facilitaria o acesso a legendas em português para espetadores de todo o planeta. Ou, em alternativa, os gestores do tal portal podiam simplesmente fornecer ficheiros com legendas em português para filmes internacionais (e com legendas internacionais para filmes em português) a sites que já existem, como o http://www.opensubtitles.org/ .

Variedade timorense da língua portuguesa e consagração da norma

Palavras como "café", "usa" e "exige" existem também no tétum, como empréstimos lexicais do português. Os timorenses veem a pronúncia "capé", quer em tétum, quer em português, como própria de variedades socialmente sem prestígio de cada uma destas línguas. Os falantes acroletais, ou seja, que usam os socioletos de nível mais elevado, veem formas como "*uja*" ou "*ijiji*" da mesma maneira. As variantes socialmente mais prestigiadas são as que caraterizam a variedade da língua que acaba por se impor como norma.

O português de Timor-Leste tem uma variedade própria, já descrita pelo Professor Luís Thomaz na década de 70 do século passado. A ocupação indonésia não acabou com ela, mas enfrenta agora a competição de formas de falar português não estáveis usadas por neo-falantes influenciados, nomeadamente, pelo *input* que recebem de professores brasileiros e portugueses. Se um docente vindo de Portugal insiste com o aluno que o "néli", que tem uma presença secular no português daqui (e que em tétum se diz "*hare*"), não é "português correto", pode estar a inibir o timorense de usar uma palavra legítima do léxico português local. Ainda assim, o português de Timor conviveu muitos séculos com o de malais chegados de Portugal, e está familiarizado com ele (apesar de ter as suas reservas em relação ao fechamento de certas vogais átonas!). A variedade do Brasil, por outro lado, soa mais estranha aos ouvidos timorenses, por ter diferenças menos familiares, e é imediatamente notado, e muitas vezes corrigido pelos mais velhos, o jovem que reproduz coisas como «*Ele "txi" viu lá*» ou «*Moro no "Tximor*"», em vez de «Ele viu-te lá» ou «Moro em Timor». De qualquer forma, é necessário distinguir, por um lado, variantes próprias da interlíngua de falantes que ainda não dominam o português, e por outro, variantes estáveis e comuns a todos os

socioletos, mesmo o mais levado (acroleto), que poderão incluir coisas como:

- léxico próprio. Já mencionei o "néli" e muitos mais estarão no Vocabulário Ortográfico de Timor-Leste (VOTL) que, mais cedo ou mais tarde, há de vir à luz do dia;
- o uso do verbo "emprestar" em contextos em que noutros lugares lusófonos se utilizaria "pedir emprestado", ou seja, "Posso emprestar o teu livro?" em vez de "Posso pedir emprestado o teu livro?";
- Perguntas na negativa como "Não queres café?" a que o falante responde "sim" onde outros lusófonos responderiam "não", querendo dizer "sim, é verdade que não quero café";
- o uso de "ainda" em pedidos como "Espera ainda." (em Portugal: "Espera lá");
- perda da conjugação pronominal reflexa em alguns verbos, como "levantar-se" ou "pentear-se".

A utilização habitual de variantes como estas numa literatura timorense em língua portuguesa e, um dia, em manuais ou gramáticas de português preparados por autores timorenses poderão dar-lhe a dignidade de uma variedade oficialmente consagrada. De momento, os modelos escolares prescritivos ainda são essencialmente comuns ao português europeu.

Simbiose entre o português e o tétum

O português fornece uma quantidade imensa de termos ao tétum. Em discursos em tétum mais técnicos, ou de registo mais elevado, poderá ultrapassar os 50% do vocabulário. Há quem manifeste o seu desagrado – protestando em discursos em tétum que usam a mesma percentagem de empréstimos dos outros! – mas não há nada de mal no uso de empréstimos. Ninguém hoje diz que o inglês é uma língua menor, ou pobre, mas de acordo com o livro "Ordered *Profusion – Studies in Dictionaries and the English Lexicon*"), dos termos incluídos nos "*Shorter Oxford English Dictionary*", 28,30% das palavras têm origem no francês antigo, incluindo o anglo-francês, ou no francês; 28,24% são de proveniência latina; e apenas 25% do vocabulário é de origem germânica (juntando aqui também o inglês antigo, o inglês médio, o

nórdico antigo e o holandês).

Deixo as considerações sobre a fraternidade mística entre o português e o tétum para os poetas e os ideólogos. Analiso o crescente recurso a empréstimos lexicais do português com base numa realidade mais prosaica: as palavras escritas que têm poder no Estado de Timor-Leste são na maioria escritas em português. Ainda que seja verdade que há uma proximidade maior entre o sistema fonológico do tétum e o do português, isso não foi obstáculo a que durante o tempo da UNTAET se espalhassem empréstimos do inglês, quando as palavras do poder eram em língua inglesa, além de barbarismos híbridos como «tenderização», «envairomento» e «comitmento». No tempo da ocupação acrescentou-se ao tétum imensa quantidade de empréstimos lexicais do indonésio, que são agora cada vez menos não porque sejam inerentemente maus linguisticamente, mas porque o poder indonésio terminou em 1999. O português é agora a língua das leis, dos mais altos atos formais do Estado, do nome das suas instituições e dos seus textos mais importantes. É a língua do Hino Nacional e da Constituição (em tétum o que existe são duas traduções que não são oficiais). Os arquitetos do sistema jurídico timorense criaram-no com uma matriz lusófona. Quando cheguei, em 2001, na UNTL toda a gente se referia aos departamentos como "*jurusan*", apesar de já então haver versões oficiais em português. Hoje já todos os alunos falam em departamentos. O mesmo aconteceu no mundo das ONGs, mas como intérprete é curioso ver como os ativistas das ONGs que estiveram em zonas da montanha nos últimos 14 anos continuam a usar mais empréstimos lexicais do indonésio do que os que estão em Díli. Isto porque estes frequentam mais os círculos do poder, vão a mais conferências, acompanham mais facilmente a mudança, e fazem parte dela. Uma vez, cá em Díli, estava eu a interpretar numa reunião de alto nível, e um dos intervenientes, timorense, que estava a falar tétum, usou um termo indonésio e parou, perguntou a quem estava sentado ao lado "como se diz isto em tétum?", e depois repetiu o empréstimo do português que lhe tinha sido fornecido, e que era considerado por ambos como uma palavra correta em tétum.

A substituição dos empréstimos do indonésio por empréstimos do

português também tem a ver com o processo de estabelecimento de uma norma para a língua a partir de uma variedade socialmente reconhecida como tendo mais prestígio, que já mencionei. Em Timor-Leste usar empréstimos do português é considerado mais correto. Essa é a tradição do uso do tétum pela Igreja Católica e por instituições relevantes no mundo da cultura.

Antes disso, mesmo durante a ocupação, permaneceram muitos empréstimos do português que tinham entrado para o tétum há muito tempo, por uma outra razão importante. É que o tétum-praça é uma língua mestiça, desenvolvida numa comunidade culturalmente mestiça (que produziu outras manifestações culturais mestiças de que não tenho tempo para falar, como a música de "kore-metan"). Para além do "bom dia", "boa tarde", "obrigado", "camisa", "calça", "sapato", mesmo coisas do mundo natural como "grilo", "gafanhoto", "barata", "borboleta", são ditas em tétum-praça com palavras de origem portuguesa. Os falantes dos dialetos rurais do tétum téric sabem os equivalentes antigos do nome destes insetos, tal como o sabem nos seus idiomas os falantes de outras línguas regionais, mas todos usam os vocábulos portugueses quando se exprimem em tétum-praça.

Quando cheguei a Díli, há uma década e meia, ouvia-se que o indonésio era a língua dos jovens. A situação mudou muito entretanto. O indonésio agora é língua das pessoas de meia-idade e, como mostrou ontem o Ricardo Antunes, é assombroso o peso das crianças e adolescentes na pirâmide etária da população timorense, o que é um fator primordial na descrição da situação sociolinguística do país e na planificação linguística. A principal língua dos jovens agora é o tétum, acompanhado com algum grau de conhecimento do português. Verifica-se porém que muitos timorenses mais velhos, que aprenderam esta língua no tempo da administração colonial portuguesa, quando se encontram no trabalho, numa repartição, em convívio social, falam entre si em português. Muitos cidadãos de meia-idade que estudaram na Indonésia conversam às vezes em indonésio. Mas os jovens que conheço que dominam o português raras vezes falam português entre si, a não ser em contexto de sala de aula ou na presença de malais lusófonos que não compreendam o tétum. É preciso mudar isto. São necessários mais espaços sociais onde o português seja

usado. Temos que dar visibilidade aos quase 50% de cidadãos que dizem no recenseamento que sabem algum português. Isso ajudará ao aparecimento de mais produtores de bens culturais em português. Ontem ouvimos falar do Clube de Falantes de Português da Universidade de Hanói, no Vietname. Talvez possamos criar clubes de falantes de português nas universidades daqui e em bibliotecas municipais nos municípios. Promover tertúlias em escolas onde alguém faça uma apresentação em português, seguida de debate também nesta língua.

Nós, linguistas, às vezes temos sido ouvidos a dizer que todas as línguas são iguais, mas qualquer pessoa de bom senso sabe que isto não é bem assim. A realidade é que todas as línguas são completamente adequadas para a comunicação entre os seus falantes, todas são resultado de uma evolução num contexto social e histórico específico e todas têm potencial para se desenvolverem para poderem ser usadas em domínios em que não eram usadas antes. Mas não posso ler o Mahabarata ou a Odisseia, ou os textos de Stephen Hawking ou António Damásio, Santo Agostinho ou Karl Marx, Shakespeare ou Camões, José Saramago ou George Orwell em nauéti. Não há um manual de engenharia hidráulica em búnac. Também não encontramos nada disto em tétum.

Em português podemos encontrar a grande literatura universal e o conhecimento científico. Mas se morarmos numa zona rural em Timor isso pode ser difícil. E as plataformas na Internet podem ter uma utilidade reduzida quando o acesso à mesma é inexistente, lento ou caro, ou se o professor não souber como procurar o que precisa, como separar o trigo do joio. Mesmo que haja computadores disponíveis para uso. Uma forma de responder a isto poderia ser a distribuição de uma biblioteca virtual básica de língua portuguesa para professores e outros agentes culturais, incluindo obras de literatura dos vários países lusófonos e de didática do português, e ainda livros de referência como dicionários, gramáticas e prontuários. Os nossos colegas timorenses que estudaram Medicina com os cubanos recebiam uma grande quantidade de livros para os seus estudos em formato digital. Podem ser colocados em *pen-drives* e nos computadores existentes nas escolas. Assim, estarão disponíveis mesmo que

não haja Internet.

Ensino às diásporas

As dificuldades económicas e o desemprego levam muitos jovens timorenses a tratarem do processo de reconhecimento da sua nacionalidade portuguesa para depois emigrarem para a Inglaterra e Irlanda do Norte como cidadãos portugueses. A maioria não fala português, ou tem um nível muito básico. Os anos que passam como trabalhadores emigrantes, mesmo que como mão-de-obra não especializada, dão-lhes experiência, uma ética de trabalho e um espírito empreendedor que seriam úteis a Timor-Leste, se conseguir que eles voltem. Os seus filhos também frequentam o sistema de ensino dos países de acolhimento, em língua inglesa. Timor-Leste não deveria ignorar estas comunidades da diáspora. Seria bom promover a criação de pequenos Centros Culturais em lugares de maior concentração, como Dungannan, onde eles, e especialmente os seus filhos, pudessem ter acesso a bens culturais timorenses, incluindo cursos de português e de tétum e livros nestas línguas. Como eles são simultaneamente cidadãos de TL e de Portugal, talvez fosse possível algum tipo de cooperação entre os dois países para isto.

Aprender português ou não?

Um dos fatores mais importantes na aprendizagem de uma língua é a motivação. Quando falamos do português como língua estrangeira ou língua segunda as razões de as pessoas quererem aprender variam, mas normalmente os aprendentes veem um benefício pessoal em dominar essa língua. Os estrangeiros podem gostar de samba ou de fado, ou pensar em emigrar para Angola, ou trabalhar com turistas lusófonos de visita ao seu país, ou terem lido Mia Couto em tradução e terem ficado deslumbrados, ou para conseguirem namorar com a moça portuguesa que conheceram num concerto. Nos casos do português língua segunda (incluindo parte da população dos PALOP) uma parte da motivação é que costuma ser vantajoso saber português para subir na vida e para gozar a cidadania em pleno. Em Timor isto não funciona bem assim. O indonésio perdeu espaço na maior parte dos domínios (para a maioria das

crianças e adolescentes pouco mais é do que a língua das telenovelas, de que compreendem só parte), mas foi em muitos deles substituído pelo tétum, principalmente fora dos contextos marcados como mais formais e hierarquicamente de alto nível. O mercado de trabalho não exige frequentemente o domínio do português, seja no setor privado, nas ONGs, nas organizações internacionais presentes no país ou nas estruturas da cooperação de muitos países (a portuguesa é exceção). Até na função pública continuam a ser recrutados muitos funcionários que não sabem português, após 14 anos de independência. Os avanços seriam mais rápidos se o domínio da língua portuguesa fosse um fator importante na avaliação regular a que todos os funcionários públicos estão sujeitos por lei. Há instituições em que há cursos de português há 14 anos; se um professor ou um funcionário com o ensino secundário não fala português depois de 14 anos com cursos disponíveis, a razão não é uma hipotética dificuldade da língua portuguesa, é mesmo falta de motivação.

Cursos de verão

Em Macau a maior parte da população não fala português, mas a Universidade local dá cursos de verão de língua portuguesa a estrangeiros. A UNTL deveria assumir-se como um centro de difusão do português na Ásia. Podia organizar cursos de verão, que podiam ter três opções: só de língua portuguesa, só de língua tétum, ou de estudo das duas línguas. Seriam particularmente úteis para quem pensa vir trabalhar para cá.

“*Neineik, maibé beibeik*”

O progresso pode não ser tão rápido como gostaríamos, mas existe. Os números de timorenses com conhecimentos de português estão a crescer, os de falantes de indonésio estão a diminuir, e o tétum está numa situação muito melhor do que estava em 1999. Em tétum costuma dizer-se “*neineik, maibé beibeik*”. Vamos andando devagar, mas movemo-nos para a frente. Para que o avanço seja mais rápido, vamos todos pôr mãos à obra.

Tradução literária e técnica em Timor, línguas, mercado e produtores de bens culturais

Comunicação apresentada no dia 16 de junho de 2016 na
II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SISTEMA MUNDIAL,
organizada pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa,
no Centro de Convenções de Díli, em Timor-Leste.